



RUI BARBOSA Nº 2: o livro não publicado de jorge amado

Matheus de Mesquita e Pontes

Doutorando em História e professor do IFMT.

RESUMO

Em 1932, com apenas 20 anos de idade, Jorge Amado preparava o lançamento de seu terceiro livro, *Rui Barbosa nº 2*, que abordava parte da sua trajetória e suas recentes inquietudes políticas. A pouca idade, a imaturidade literária, as agitações políticas nos primeiros anos de 1930, o contato com novas ideologias e a inserção em novos lugares sociais vão transformando as visões do escritor que havia recentemente saído da Bahia e mudado para a capital brasileira. Novas maneiras de apropriar a realidade, práticas sociais e formas de representar suas visões de mundo através da literatura, levam o literato a abandonar seu tom cético, individualista e elitista que ele havia herdado da influência na “Academia dos Rebeldes”, na Bahia, passando a aproximar-se do discurso em favor dos excluídos e engajando-se no intuito de transformar o mundo através da escrita. Com as alterações dos convívios em novos grupos sociais no Rio de Janeiro, Amado reformula suas táticas e estratégia na produção escriturária. Devido o conteúdo de *Rui Barbosa nº 2* não atender as expectativas de suas novas opções e dos novos lugares que o autor insere, o literato prefere não publicá-lo, colocando o livro no limbo do esquecimento. Nosso objetivo com esse texto é de dar visibilidade ao livro não publicado, apresentando-o no contexto em que ele foi produzido, sendo que nosso suporte metodológico e teórico será um conjunto de conceitos e abordagens desenvolvidos por Michel De Certeau e Roger Chartier.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Jorge Amado. Rui Barbosa nº 2. Representações.

INTRODUÇÃO:

Rui Barbosa nº 2 é um livro de Jorge Amado escrito em 1932 e que nunca foi publicado pelo autor. Pouco conhecido pelos seus intérpretes e pesquisadores, a obra representa uma fase de transição na sua vida pessoal do escritor, em sua produção literária e em suas opções políticas. *Rui Barbosa nº 2* é um texto que fecha o ciclo das fortes influências do grupo da “Academia dos Rebeldes” (1928-1932) em sua obra e que aponta para o princípio de seu engajamento social de perfil esquerdista.

Acreditamos que *El-Rei* ou *Lenita* (1929-1930), *O país do carnaval* (1931) e os contos e crônicas produzidos para o jornal “O Momento” (1930-1931) na Bahia, representam o jovem e cético Jorge Amado que almejava encontrar para si respostas as suas angustias, tendo como estratégia a busca pela felicidade plena. Porém, seu lugar social de produção que lhe emitia uma visão de mundo, foi a “Academia dos Rebeldes” composta pelo velho patriarca Pinheiro Viegas e pelos seus pupilos seguidores que sofriam dos mesmos males juvenis de Amado. As apropriações,



práticas e representações literárias feitas pelo escritor entre seus 18 e 20 anos de idade refletem uma antítese do literato *best-seller* que bateu recordes de vendas e traduções no mercado editorial entre os literatos brasileiros do século XX. O seu perfil individualista e elitista, com atitudes antipopulares e racistas, marcam sua produção escriturária na juventude, o que contrasta com o Jorge Amado engajado socialmente, militante político e comprometido com a visibilidade dos sujeitos marginalizados do nordeste e, em especial, da Bahia.

A mudança do jovem literato para o Rio de Janeiro, no princípio dos anos de 1930, vai alterar sua visão de mundo. Novos lugares sociais vão influenciando suas práticas literárias, ao abrir-lhe novos horizontes para apropriar e representar suas narrativas. O início do curso de Direito, o contato com as novas ideologias ascendentes e com as agitações políticas do período, a inserção no meio jornalístico e no crescente mercado editorial da capital brasileira, são elementos que transformam e amadurecem o jovem Jorge Amado. *Rui Barbosa nº 2* é uma obra que representa essa mutação e, que por isso, não foi publicada para abrir uma nova etapa na vida do autor.

O ocultamento ou esquecimento de *Rui Barbosa nº 2*, como das demais produções escriturárias entre 1928 e 1932, fazem parte da opção que o próprio autor fez de sua representação literária. Renegou seu passado de indecisões e de preconceitos em prol da imagem de um literato popular. A inviabilidade da leitura dos textos do jovem Amado, por seus admiradores, impede que sejam apropriadas novas reflexões sobre o autor e o conjunto de sua obra, o que dificulta uma representação sobre essa fase literária de sua vida. Na prática, Amado ao delinear a edição ou não de certos escritos, soube preparar sua memória evitando desgastes ao longo de sua vida.

Nosso objetivo com esse texto é de apresentar o conteúdo da obra *Rui Barbosa nº 2*, ao qual tivemos o privilégio de ter contato com seu único exemplar na Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), no Pelourinho, em Salvador. Para contribuir com as reflexões o nosso suporte teórico e metodológico foram as produções de Michel De Certeau em *A Escrita da História* e seus conceitos de *lugar social* e o *não dito*, e, as obras sobre *A História do Cotidiano* com os conceitos



de *estratégia* e *tática*. Também nos utilizamos do artigo *O mundo como representação* e dos textos da coletânea *A História Cultural: entre práticas e representações*, ambos de Roger Chartier, em que utilizamos dos conceitos de *prática*, *apropriação* e *representação*.

Discussão e Resultados:

Rui Barbosa nº 2: entre a incerteza do ceticismo e a vontade de aderir a ideologia comunista

Jorge Amado sempre gostou de falar e escrever sobre si, apesar de nunca ter redigido uma autobiografia completa ou de ter incentivado um terceiro(a) a escrevê-la, o autor sempre relatou sobre momentos específicos de sua vida e, em especial, sobre a infância nas terras bravias do cacau ou da juventude nas ruas e casarões em Salvador. No final de 1981, perante as comemorações do cinquentenário como escritor e dos setenta anos de vida, foi lançado o seu primeiro livro de memórias, *O menino grapiúna*, numa edição limitada promovida pela Agência MPM e Editora Record, que em agosto de 1982 a própria Editora Record lançava em edição popular na VII Bienal Internacional do Livro em São Paulo, junto com uma exposição fotobiográfica intitulada “50 anos de vida literária de Jorge Amado” (RUBIM e CARNEIRO, 1992, p. 81).

Em *O menino grapiúna*¹, Jorge Amado selecionou e descreveu momentos de sua infância e juventude que influenciaram a sua produção literária. As violentas lutas pela posse da terra no sul da Bahia – na região cacauzeira –, o medo da morte com as epidemias, as afetividades com os jagunços de seu pai e com as raparigas dos prostíbulos, a descoberta da amizade e da libertinagem com o tio Álvaro Amado, a primeira paixão, e, o desabrochar pelas letras e pela literatura através do padre Luiz Gonzaga Cabral no internato jesuíta em Salvador, são episódios que marcaram suas lembranças. Para além de suas recordações que vão da infância no sul da Bahia aos primeiros anos em Salvador, Jorge Amado também realizou no transcorrer da obra uma autocrítica político-literária frente aos seus escritos que valorizavam os “líderes” e “heróis”, ao afirmar que:

¹ Grapiúna é uma alcunha corriqueira na obra amadiana destinada aos sujeitos e personagens nascidos em Ilhéus-BA, incluindo a si próprio.



Os líderes e os heróis são vazios, tolos, prepotentes, odiosos e maléficos. Mentem quando dizem intérpretes do povo e pretendem falar em seu nome, pois a bandeira que empunham é a da morte, para subsistir necessitam da opressão e da violência. Em qualquer posição que assumam, em qualquer sistema de governo ou tipo de sociedade, o líder e o herói exigirão obediência e culto. Não podem suportar a liberdade, a invenção e o sonho, têm horror ao indivíduo, colocam-se acima do povo, o mundo que constroem é feio e triste (AMADO, 1987, p. 61-62).

O literato também realizou a (auto)crítica e condenação à todas formas de ideologias que, ao seu ponto de vista, limitam a criatividade humana.

Não serão as ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? O pensamento criador submergido, afogado pelas teorias, pelos conceitos dogmáticos, o avanço do homem travado por regras imutáveis?

Sonho com uma revolução sem ideologia [...] Um sonho absurdo? Não possuímos direito maior e mais inalienável do que o direito ao sonho. O único que nenhum ditador pode reduzir ou exterminar (AMADO, 1987, p. 107-108).

Naqueles anos de crise do “socialismo real” no leste europeu e de distensão do Regime Militar brasileiro, Amado novamente se apresentava cético perante o contexto vigente, apesar da confiança frente ao futuro. A autocrítica em *O menino grapiúna* reflete a negação das práticas político-literárias dos tempos de militância no PCB e seu reencontro com a valorização dos sujeitos menosprezados do universo baiano, assim como a apresentação – ou invenção – dos seus cotidianos em seus recentes livros.

O grande sucesso de público das obras amadianas no final dos anos de 1950 e nas décadas de 1960 e 1970, junto com seu distanciamento das posições ideológicas dos dirigentes da URSS e do PCB, contribuíram para que o Senador Aderbal Jurema² do Partido Democrático Social (PDS)³, por Pernambuco, defendesse no Senado brasileiro que aquela casa de leis indicasse Jorge Amado ao Prêmio Nobel de Literatura em novembro de 1981.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, desejo concluir as minhas palavras, deixando nos Anais desta Casa um apelo a todas as entidades culturais da Nação no sentido de reivindicarem para Jorge Amado o Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

² Aderbal Araújo Jurema, foi Deputado Federal por cinco legislaturas seguidas entre 1958 a 1974, tornando-se um dos “Senadores Biônicos” em 1978 durante o Regime Militar. Jurema conhecia Amado desde o início dos anos de 1930 e chegou a escrever uma resenha crítica do romance *Suor* no Boletim de Ariel.

³ Agremiação partidária que emergiu no início da década de 1980, com o processo de redemocratização, para abrigar os situacionistas durante o Regime Militar com o dissolvimento da Aliança Renovadora Nacional (ARENA).



Ao fazer este apelo, que tenho certeza ser da carne de nossa alma, da alma do PDS, da alma do PMDB, da alma do PDT, da alma do PT, da alma do PTB, de todos que tenham representação nesta Casa – um apelo que pudesse atravessar o mar tenebroso de mil e quinhentos e chegar às pais frígidas da Escandinávia – para que Jorge Amado seja contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura. Como homem do Nordeste, estou consciente de que Jorge Amado é o romancista maior da nossa literatura (JUREMA, 1982, p. 26).

Mais de cinquenta senadores, numa atitude “supra ideológica”, assinaram o “apelo” de Aderbal Jurema para comemorar a ocasião do seu septuagésimo aniversário, como também para homenagear seus cinquenta anos de literatura⁴. Pois, como: “Companheiro maior que, hoje, independente dos partidos, das ideologias, [Jorge Amado] se transformou na grande figura da prosa ficção deste País, do continente, das Américas” (JUREMA, 1982, p. 03). Porém, retornando a cinquenta anos atrás, no ano de 1932, Amado possuía interesses e posturas distintas daquelas dos princípios dos anos de 1980: criticava severamente o parlamento brasileiro com sua falida democracia liberal e desejava encontrar-se ideologicamente para romper o ceticismo e para tomar posição nos acirrados debates do período entre guerras.

A obra *Rui Barbosa nº 2* (1932) foi o único romance de Jorge Amado que não chegou a ser publicado, e, simboliza, o processo de transição do escritor: do ceticismo e das preocupações individuais para o comprometimento social por meio de uma ideologia. Essa transformação foi tênue, passou por percalços e possivelmente por incompreensão sobre alguns princípios das ideologias crescentes nos anos de 1930 no Brasil e, em especial, sobre os movimentos fascista e comunista – característica que pode ser notada de forma secundária em *O país do carnaval*, com os posicionamentos confusos e limitados do protagonista Paulo Rigger.

A dúvida sobre aderir ou não ao marxismo e ao movimento comunista marcam os dilemas do protagonista de *Rui Barbosa nº 2*, o jovem Arcanjo Coração, que transita por espaços, episódios e situações semelhantes a da vida de seu próprio criador. Na prática, Amado fez da produção escrituraria do livro uma representação de parte da sua trajetória, uma autobiografia

⁴ Dentre os signatários destacam-se os futuros Presidentes da República brasileira após a queda do Regime Militar: Tancredo Neves, José Sarney e Itamar Franco.



ficcional, em que a realidade da angústia frente ao futuro e a necessidade de se posicionar ideologicamente foram intrigas reais que o autor vivenciou na época.

O fato do seu pai ser um fazendeiro na região cacaueira no sul da Bahia, de sua família ter vivido em Ilhéus, seu misticismo na pré-adolescência, a fuga do colégio internato dos jesuítas para a casa do avô paterno no Sergipe, a troca de colégio em Salvador, o desejo sexual por uma prima que vivia na casa dos seus pais, a admiração e o contato com o jornalista e poeta Pinheiro Viegas – líder da “Academia dos Rebeldes” –, a ida para o Rio de Janeiro para tornar-se bacharel em Direito, e, sua aproximação tanto de grupos católicos simpatizantes do fascismo como de jovens ligados ao movimento comunista na capital brasileira, são elementos que marcam a vida de Jorge Amado e que estruturam a trama do personagem Arcanjo⁵.

A essência principal do romance é a dúvida, sentimento que provoca angústia e infelicidade do protagonista. Situação desconfortável, que leva Arcanjo Coração a oscilar constantemente entre a adesão ao movimento comunista e o ceticismo na impossibilidade de romper com o sistema liberal democrático. “Só êle, Arcanjo, indeciso. Tudo que havia nêle de revoltoso natural, de ante-convencional, o aproximava da esquerda radical” (AMADO, 1932, p. 52), não vivia e nem conhecia a vida do povo pobre, mas sofria com miséria alheia. Por outro lado, o possível excesso de ordem da doutrina dos comunista horrorizava-o, acreditava que aquela ideologia poderia se tornar numa religião para ateus e/ou como uma espécie de capitalismo para o proletariado (AMADO, 1932, p. 53).

Desde sua adolescência Arcanjo é representado no enredo como um sujeito que oscila, entre o desejo de obter o poder/prestígio fácil e o desejo de ser um questionador que integre uma vanguarda. A primeira manifestação de oscilação foi durante a eleição do Grêmio Estudantil Barão do Rio Branco, no Ginásio 7 de Setembro em Salvador, em que o protagonista preferiu realizar um acordo com seu inimigo, Rui Batista, conseguindo uma vaga em sua chapa – cargo de orador –, do

⁵ Arcanjo, ou melhor, Pedro Arcanjo, servirá anos depois como nome para o personagem protagonista do romance *Tendas dos milagres* (1969) que, segundo Jorge Amado, de suas criaturas literárias é a que ele mais se identifica apesar do personagem possuir traços dos amigos Dorival Caymmi, Carybé, Miguel Santana entre outros (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 80-81).



que manter-se na oposição com seus amigos, apoiadores e simpatizantes. “Arcanjo entristeceu, apesar da vitória. Compreendeu que começara a fazer concessões á vida e que estava saindo fóra dos seus princípios. A história do Grêmio Barão do Rio Branco acompanhá-lo-ia por toda a existência” (AMADO, 1932, p. 31).

Rui Batista era o principal desafeto e concorrente de Arcanjo no romance. Conterrâneo de Ilhéus, seu pai, Antonio Batista, era admirador fanático de Ruy Barbosa e desejava que seu filho tivesse o mesmo brilhantismo intelectual do “Águia de Haia”⁶. Em Ilhéus – tratada na trama como “El-dourado” ou como capital do “mediocre” – a população local também acreditava que Rui Batista seria seu filho prodigo ao suceder o exemplar polímata brasileiro nascido na Bahia. Até em seu batismo cristão o padre Evaristo se alegrava com a boa esperança: “Quem sabe se êle não será o segundo Rui Barbosa?” (AMADO, 1932, p. 21a⁷), sendo que na adolescência, no Ginásio “7 de setembro” em seu jornal “A Pátria”, o ilheense já incorporava a profecia ao assinar suas matérias como “Rui Barbosa número 2” (AMADO, 1932, p. 23).

Arcanjo detestava o oportunismo e os discursos bonitos sem nexo de Rui Batista e, via no colega, o modelo a ser combatido. Pois, Batista, “pensava em fazer carreira política, fôsse de que maneira fôsse, passando por cima de qualquer obstáculo. A palavra caráter tinha para Rui um valor muito relativo” (AMADO, 1932, p. 90). Continuando a crítica a Rui Batista:

O patriotismo de Rui Batista resumia-se em saber o hino nacional, admirar as cores da bandeira, falar em salvação da Pátria, de defender a os bacháreis e fazer discursos patrióticos. No fundo, pouco se lhe dava que a Pátria se desgraçasse ou fôsse entregue aos estrangeiros, contanto que êle elegeisse a deputado, a bandeira continuasse verde e amarela e os soldados cantassem o hino nacional (AMADO, 1932, p. 156).

Ruy Barbosa, assim como seu discípulo Rui Batista, representavam para Arcanjo a democracia liberal decadente que empurrava o mundo e o Brasil para o abismo, sendo o primeiro

⁶ Adjetivo obtido por Ruy Barbosa em sua atuação na II Conferência de Paz em Haia na Holanda (1907), que na condição de Delegado/representante brasileiro defendeu o princípio de igualdade entre os Estados nacionais.

⁷ No manuscrito de *Rui Barbosa nº 2*, disponível na FCJA, existe uma repetição/duplicidade na numeração da página 21.



o “pai” da vida democrática republicana no Brasil e o segundo o continuador do legado democrático sustentado nas barganhas e nas trocas de favores entre as elites.

Nota-se que tanto em *O país do carnaval* como em *Rui Barbosa nº 2*, a democracia liberal brasileira é apresentada como uma farsa, um jogo de cartas marcadas que corrompe as relações institucionais no país em benefício de poucos, sendo que na obra de 1932 o liberalismo é apontado como um sistema mais pernicioso do que o fascismo. Os impactos das eleições de 1929 à Presidência da República e os Movimentos de 1930 e Constitucionalista de 1932, são fatos históricos que influenciaram a produção escriturária do literato e estão presentes no enredo de ambos os romances, mas sem que os principais personagens amadianos e o próprio autor apontem para a crença de mudanças na via eleitoral. O que se diagnóstica em *O país do carnaval* é a confiança de Jorge Amado nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas e sua repulsa frente a parte da sociedade que apoiou o Movimento/Golpe de 1930 e que em poucos meses se opunha ao novo regime, ao reivindicar uma nova Constituição e o retorno da ordem democrática liberal. Em *Rui Barbosa nº 2*, com o autor mais próximo do pensamento de esquerda, o protagonista Arcanjo não aceita se enquadrar na polarização entre a Aliança Liberal varguista *versus* os situacionistas encabeçados pelo paulista Júlio Prestes. Com o convite do Prefeito de Ilhéus em tomar parte na campanha presidencial do paulista, Arcanjo responde: “O liberalismo passara. Júlio Prestes não melhoraria o Brasil e os aliancistas [grupo de apoio a Vargas] seriam capazes de desgraçá-lo completamente. Não aceitou o convite” (AMADO, 1932, p. 87).

Os personagens Carlos Fernández e Eulalio são os grandes amigos de Arcanjo no Rio de Janeiro, são eles que conduzem o protagonista na aproximação do pensamento de esquerda. Carlos não era comunista, mas simpatizava com os esquerdistas e com a causa revolucionária. Tinha dinheiro, era jovem, culto e simpático, e, vivia a viajar para arrumar “seus negócios”⁸, é Carlos que apresenta a jovem e sofrida Elisa para Arcanjo. Eulalio será o amigo fiel do ilheense no transcorrer da trama, desde a vida ginásial até a ascensão política e social do companheiro. Era

⁸ O personagem Carlos Fernández parece ser uma representação fictícia do escritor modernista e diplomata brasileiro Raul Bopp, no qual Jorge Amado dividia uma residência – junto com outro estudante trotskista que o literato não cita o nome – nos seus primeiros anos no Rio de Janeiro, no início da década de 1930. Em entrevista para a francesa Alice Raillard, Amado descreve essa relação – *Conversando com Jorge Amado* (1990).



comunista convicto e militante do Partido de Lenin – no romance não ocorre citação direta ao PCB –, além de dedicar uma atenção especial na conversão revolucionária e partidária do amigo. Em um dos diálogos entre ambos fica evidente a incerteza de Arcanjo e o esforço de Eulalio para convencê-lo de entrar no Partido:

[Arcanjo] – Demais, há entre os comunistas do Partido dois grupos nocivos.

[Eulalio] – Quais?

[Arcanjo] – Um formado pelos idealistas, que fazem da mais materialista das doutrinas uma religião. O Jorge, por exemplo. Os outros são os oportunistas, os literatos que são comunistas por atitude, como foram modernistas...⁹ Cabulosos.

[Eulalio] – Você tem razão.

[Arcanjo] – E eu, fora do Partido, talvez possa fazer mais pela causa.

[Eulalio] – É possível. Mas um dia você sentirá necessidade de proletarizar por completo, de entrar para o Partido.

[Arcanjo] – Nesse dia entrarei...¹⁰ (AMADO, 1932, p. 95).

Eulalio era de origem humilde e advindo do sertão baiano. Estudava medicina com muitas dificuldades financeiras e dava aulas particulares para complementar sua renda, nunca aceitava as ofertas de emprego público para não se corromper ideologicamente. Por duas vezes foi “traído” politicamente por Arcanjo, mas nunca perdeu a fé da conversão do amigo para as fileiras do movimento comunista. Jorge Amado apresenta o amigo/militante Eulalio como um ser que encontrou a felicidade para si, através da convergência de seus princípios – apresentados como justos – com uma práxis. O personagem é posto como um exemplo positivo e coerente, apesar de sua pobreza, da constante repressão policial/estatal e da sua prisão aliada com a ameaça de extradição para fora do país.

O grande amor de Arcanjo nos tempos de indefinição foi Elisa, garota pobre e filha órfã de uma prostituta. Também se prostituiu à um coronel para pagar o tratamento de saúde da sua mãe, foi costureira e por anos viveu junto com um usuário de cocaína. Distinto do moralismo de

⁹ Possível menção ao casal modernista, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu).

¹⁰ Nota-se que temas como o oportunismo e a desconfiança frente aos intelectuais/literatos e a questão da proletarização, assuntos comuns a militância comunista no final dos anos de 1920 e início da década de 1930, já começam a aparecer na produção escriturária de Jorge Amado – em *Rui Barbosa nº 2* essa é a única passagem. Nos romances *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935), a questão da proletarização dos personagens protagonistas será o pano de fundo dos romances.



Paulo Rigger em *O país do carnaval* e dos amores descartáveis de Alberto em *Lenita*, Arcanjo visualizava que seu romance com a infortunada poderia lhe guiar rumo a felicidade, ao contribuir para dissolução de suas dúvidas em benefício da adesão ao movimento comunista. Elisa não era comunista, aliás, na trama não existem personagens femininas apresentadas como revolucionárias. Mas, aquela paixão, simbolizava para Arcanjo a garantia de um futuro seguro e confortável, junto com a opção ideológica e ao lado do proletariado e sua representação partidária.

Por outro lado a família de Arcanjo e, em especial, seu pai o Coronel Pedro, tinha pretensões distintas para o filho. Em uma das viagens de férias para Ilhéus, o pai traça o destino “confortável” para Arcanjo dentro dos marcos do liberalismo democrático da “Primeira República” brasileira: “– Vera é um partido ótimo para você. Você é o único sujeito daqui com quem Silvio a casaria. E ele quer o casamento. Você, casa com ela, está deputado na certa, rico podendo gosar a vida. Você precisa afinal se decidir” (AMADO, 1932, p. 122). A aliança matrimonial entre os filhos dos coronéis Pedro e Silvio selaria a unidade política e eleitoral entre as duas famílias oligarcas da região cacauzeira do sul da Bahia e, conseqüentemente, traria seus devidos benefícios tanto aos pais como ao casal. O Coronel Silvio deixa claro suas intenções com o preterido noivo: “– Sabe, Arcanjo? Eu preciso de uma pessoa para dirigir o partido. Dirigir, isto é... Nós, eu e seu pai, temos os eleitores, mandamos neles... mas eu falo dirigir... [...] Que trate dos negócios aqui.” (AMADO, 1932, p. 166).

A formatura de Arcanjo como bacharel em Direito foi o marco que delineou sua vida. Com a presença da parentela do Coronel Silvio e de seus familiares no Rio de Janeiro para a festa de formatura, realizou-se o noivado com Vera e selou-se o compromisso do jovem ilheense em ser o candidato a Deputado Federal das famílias oligarcas da região cacauzeira a nova Assembleia Nacional Constituinte. Novamente Arcanjo cedeu aos desejos do prestígio e da ascensão política, isto é, no drama interno vivido pelo protagonista vence o liberalismo democrático sustentado nos acordos e nas barganhas, triunfa o ceticismo em detrimento da mudança revolucionária. Por outro lado, a paciente e passiva Elisa que já estava doente com o afastamento gradual de Arcanjo,



confirma suas previsões sobre o abandono. Enquanto que Eulalio, seu principal amigo, sofre a segunda traição política do companheiro.

Arcanjo sabia que o noivado com Vera era uma oportunidade ímpar, pois seu principal desafeto, Rui Batista, também pretendia casar-se com a moça para continuar sua escalada política rumo a deputação. O discípulo de Ruy Barbosa já era Secretário de Estado na Bahia e presidia uma partido pró-regime, além de ser um dos primeiros a fazer discursos aplaudindo o ato de Getúlio Vargas convocando a Constituinte (AMADO, 1932, p. 170). O casamento de Arcanjo com Vera não atrapalhou os sonhos eleitorais do “Rui Barbosa número 2”, pois tanto Batista como Arcanjo foram eleitos Deputados pela Bahia e, de inimigos na juventude, passaram a ser aliados em seus discursos vazios e liberais na tribuna da Câmara dos Deputados. Ao aprofundar seu ceticismo, Jorge Amado aponta de forma implícita que Arcanjo também se tornou um “Rui Barbosa número 2”, em aderir ao fisiologismo e ao oportunismo que ele tanto repudiava em Rui Batista.

O fato da aproximação com a Juventude Comunista aliado a crítica e a um certo desinteresse de Gastão Cruls – um dos proprietários da Editora Ariel – em publicar o livro, foram os fatores que Jorge Amado alegou por optar no engavetamento da obra. Porém, existem trechos inusitados no enredo que demonstram a ingenuidade e/ou incompreensão do autor perante as ideologias apresentadas no livro, peculiaridades que podem ser, em parte, causas complementares da não publicação.

Filho de rico fazendeiro, Arcanjo em nenhum momento da trama se aproximou de algum movimento grevista ou do povo pobre. Além de Eulalio, o protagonista teve apenas contato com os comunistas Jorge e Simeão. Sobre o primeiro desenvolveu-se um dúbio sentimento, tinha pavor do seu dogmatismo e por outro lado admirava sua dedicação na luta, em alguns momentos do romance o personagem desenvolveu algumas reuniões com Eulalio e Arcanjo para convencê-los dos princípios do marxismo, mas no meio do enredo Jorge “desaparece” para ir na URSS (AMADO, 1932, p. 150). Já Simeão é um negro que envolveu-se junto com Eulalio numa greve dos operários têxteis. Graças a perseguição policial/estatal o agitador é enviado pelos companheiros à fazenda do Coronel Pedro em Ilhéus, porém com a proibição de não difundir o credo comunista



entre os agregados do pai de Arcanjo, mas, liberado para fazer nas fazendas dos outros. A ressalva sobre os limites de sua agitação nas fazendas de cacau não é o detalhe mais inusitado na trajetória do personagem, o interessante é a resposta emitida quando questionado se havia conseguido algum adepto, meses depois de seu “exílio” nos cacauzeiros: “Que nada! A turma é reacionária pra burro. Mete hóstias no braço pra se livras da bala. Pendura rezas no pescôço por causa das cobras. Só me ouvem quando lhes ofereço cachaça. Mas eu gosto daquela vida. No meio de gente de coragem” (AMADO, 1932, p. 122).

O preconceito de cunho racial de Jorge Amado, o “mulatismo”, que justificava a “burrice” da população em *O país do carnaval*, em especial, do povo pobre baiano, não está presente em *Rui Barbosa nº 2*. No romance de 1932 a ignorância é fruto das condições sociais do sujeito, sendo que no caso dos trabalhadores das lavouras de cacau passa por sua dependência frente ao proprietário da terra, no desconhecimento das ideias revolucionárias e no apego as crendices populares. Essas “limitações” da consciência enquanto classe dos trabalhadores do campo no sul baiano serão evidenciadas no romance de 1933, em *Cacau*.

O jovem fascista Mario Mota, que morava na mesma pensão de Eulalio e do casal Elisa e Arcanjo, é o personagem mais exótico do romance. Tornou-se amigo dos comunistas e quando Jorge visitava os companheiros tomava parte dos encontros da célula para debater sobre as ideologias. Num outro momento, durante a repressão após a greve dos operários têxteis, o fascista Mota, num ato de camaradagem, chegou a esconder documentos do Partido – dos comunistas – que estavam com Eulalio para o colega não ser preso pela polícia. E, quando Arcanjo aceita casar-se com Vera e entrar no jogo da democracia liberal, ele se sente tão decepcionado como o comunista Eulalio. Num diálogo entre Eulalio e Mario Mota:

[Eulalio] – Sem sinceridade. Ele será político para enriquecer, subir, fazer as mesmas desonestidades dos outros. Não leva nenhuma idéia de trabalhar pelo país e pelo povo...

[Mota] – trabalhará unicamente para si... (AMADO, 1932, p. 148).

Por fim o inusitado acontece, Eulalio pede a Mota que converse com Arcanjo para tentar convencê-lo a não casar-se com Vera e se corromper com a farsa do liberalismo



democrático (AMADO, 1932, p. 149). O diálogo corrobora para duas hipóteses: o literato tinha mais desprezo com o liberalismo do que com o fascismo, e, suas compreensões entre as relações e os princípios sobre os movimentos comunista e fascista eram limitadas e, em certo grau, deturpadas.

A intervenção do “companheiro” fascista mudou a decisão de Arcanjo. Porém, nem o casamento com o nascimento de dois filhos e o prestígio parlamentar lhe trouxeram felicidades, como descreve o autor:

Na Camara, Arcanjo sentava-se junto a Rui Batista, deputado pela Bahia, também verboso, também eloquente, também nome conhecido, aclamado e respeitado. Estavam no mesmo pé de igualdade.

[...]

Nem o filho lhe trouxera alegria a existência (AMADO, 1932, p. 177).

Para completar o sofrimento do protagonista, depois de ser aplaudido num dos seus discursos no parlamento ele foi avisado da prisão do seu amigo Eulalio que estava prestes a ser deportado. Desesperado e infeliz ele vai à prisão para interceder em favor do comunista, e encontra o amigo feliz e convicto com sua luta, que lhe pergunta:

[Eulalio] – Você é muito infeliz, não é, meu irmão?

Arcanjo baixou a cabeça para dizer sim. A cabeça caiu-lhe sobre as mãos que sempre as tivéras alvas e aristocráticas, agora tratadas por manicure francesa (AMADO, 1932, p. 181).

E provável que essas representações distorcidas dos sujeitos ligados aos movimentos comunista e fascista tenham levado o conselho de Gastão Cruls à não publicar o livro, como também a aproximação de Amado com a Juventude Comunista deve ter alertado para seus deslizos na configuração de seus personagens. Além disso, vale expor que a obra possui problemas estruturais e estéticos, como o excesso de diálogos e constantes mudanças de espaços no transcorrer da trama, o que torna o enredo confuso e sufocante para o leitor.

CONCLUSÃO PARCIAL

Apesar das limitações da obra e de sua não publicação, o texto completa um ciclo da produção ficcional de Jorge Amado. Momento em que o autor se engajou na procura por



respostas para a felicidade, apesar do ceticismo ser uma constante e de triunfar nas obras de 1931 e 1932. O arquivamento de *Rui Barbosa nº 2*, o ocultamento de *Lenita* e o menosprezo dado por anos a *O país do carnaval*, simbolizam a superação do escritor com a representação de sua inquietude e do seu engajamento literário que implicitamente buscava respostas para si.

Em 1933, Amado passa a atuar na Juventude Comunista e é estudante de Direito da Universidade do Rio de Janeiro – atual UFRJ –, torna-se um dos críticos literários do badalado e progressista Boletim de Ariel, além de trocar a Editora Schmidt – do católico Frederico Schmidt – pela nova Editora Ariel. Essa alteração de lugares sociais e de posicionamentos, levam o escritor a transformar o conteúdo de suas narrativas. *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935), apontam para o afloramento dos temas sociais em sua escrita, aproximando-se da literatura denominada “romance proletário”. Seu recente passado literário já não combinava mais com suas novas expectativas de mundo.

REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Martins, s/d.

_____. **Navegação de Cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O menino grapiúna**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. **O país do carnaval**. São Paulo: Martins, s/d.

_____. **Rui Barbosa nº 2**. Salvador-BA: FCJA (manuscrito), 1932.

CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer (v. 01). Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.

_____. (et al) **A invenção do cotidiano**: Morar, cozinhar (v. 02). Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.



_____. **O mundo como representação.** São Paulo: Revista Estudos Avançados da USP, 11 (05), 1991, p. 173-191.

COSTA, Dias; CARNEIRO, Edison; AMADO, Jorge. **Lenita.** Rio de Janeiro: Editor A. Coelho Branco Filho, 1930.

JUREMA, Aderbal Araújo. **O romance nordestino de Franklin Távora a Jorge Amado.** Brasília-DF: Senado Federal, 1982.